



ENTREVISTA

UMA CONVERSA COM ANA MARIA DA SILVA MOURA¹

Marilene Rosa Nogueira da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

mrns1950@gmail.com

Vinícius de Castro Lima Vieira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

vinicius.vieira@folha.com.br

A nossa entrevistada é graduada e licenciada em História (1974) com mestrado também em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985) e doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo (1995). Autora, entre outros trabalhos, de um clássico da historiografia carioca: *Carroças Carroceiros: Homens Livres no Rio de senhores*, publicado durante as comemorações do centenário da Abolição. Foram várias publicações individuais, assim como a organização de obras coletivas onde procurava iluminar os estudos que emergiam no espaço laboratorial, como por exemplo, *Rio de Janeiro: Tempo, espaço e trabalho*, em parceria com Carlos Lima da Universidade Federal do Paraná. Uma pesquisadora criteriosa, orientadora atenta, e, principalmente, uma Professora exigente mas generosa. Enfim, uma multidão chamada Ana Maria da Silva Moura cujo nome é sinônimo da instituição que ajudou a construir.

¹ Entrevista realizada pela professora Marilene Rosa Nogueira da Silva (coordenadora-geral do Laboratório de Estudos das Diferenças e Desigualdades Sociais-LEDDES) e por Vinícius de Castro Lima Vieira (pesquisador associado ao LEDDES), com chamada de contribuições prévias aos demais pesquisadores, no dia 11 de novembro de 2016, em Vila Isabel, Rio de Janeiro. Transcrição feita por Vinícius de Castro Lima Vieira.

Desde que começamos a pensar formas de lembrar a efeméride dos 15 anos do LEDDES, nos conduzimos pela ideia de evitar construir atividades que fossem apenas auto-homenagens ou festividades inócuas. Gostaríamos de utilizar esse marco, sem dúvidas uma conquista muito especial e relevante para um laboratório de pesquisas, para nos pensarmos enquanto laboratório, isto é, refletir criticamente sobre os caminhos percorridos pelo LEDDES até aqui e, também, iniciar a pavimentação das formas de nossa atuação nos próximos anos.

Ao optarmos por adotar tal postura, concluímos, quase automaticamente, que seria imprescindível registrar as considerações, as análises e as impressões da professora Ana Maria da Silva Moura. A importância desses registros fundamenta-se em um olhar peculiar, de quem esteve na formação, mas afastou-se logo em seguida; em um olhar que não está embaçado pelos turbilhões das demandas, das exigências e das formalidades tão presentes no cotidiano de um laboratório de pesquisa; um olhar externo, de viajante, ou melhor, de migrante que avalia as experiências de sua terra a partir de outro lugar. Trata-se, em suma, de um olhar outrora íntimo e agora distante, capaz de mapear as diferenças, os afastamentos e as mudanças, ainda mais quando preenchido de tão grande capacidade intelectual.

Ao pedido de entrevista, a professora Ana Moura respondeu – vestígios, talvez, de sua predileção pela boemia – com um convite para os entrevistadores almoçarem em sua casa. E, assim, o que seria uma entrevista transformou-se em uma agradável conversa permeada de sabores, perfumes, saberes, histórias e, claro, História; uma conversa que não poupou o LEDDES de questionamentos conceituais e teóricos contundentes e que, também, transbordou os limites do laboratório, enveredando por temas como a socialização do saber, as diferenças entre gerações de pesquisadores, a formação intelectual e a boemia. E agora, nas páginas que se seguem, os leitores da Transversos podem conferir os principais trechos dessa conversa.

Entrevista

Vinícius Vieira: *O LEDDES, principalmente, nos últimos anos, cresceu muito e mudou muito. Há vários pesquisadores novos e algumas propostas novas. Então, para começarmos, você poderia contar um pouco sobre a sua trajetória?*

Ana Moura: Quem sou eu? Sou uma professora de História. Eminentemente, uma professora de história. Uma parte da minha geração – não posso generalizar – não separava a professora da pesquisadora, porque você pesquisa para saber e esse saber só tem sentido se for socializado e discutido na comunidade inter pares. Essa comunidade começa pelo aluno. Tenho que saber mais do que o aluno, afinal estou preparando o meu par. Então, esse saber precisa ser comunicado, precisa ter uma metodologia. Sou professora de História, porque professo as ferramentas da história para entender o mundo. Existem outras, convivo com elas e, muitas vezes, estas alavancam, ajudam a erguer o mundo mas, escolhi as ferramentas da História. Os professores, os debates, os amigos, as dificuldades me inscreveram na História como aluna e professora.

Quem me preparou? A UFRJ – minha *alma mater* até hoje. Metodologia e teoria levadas muito a sério e pesquisa nas fontes, sem elas eu não tenho o direito de abrir a boca. Eu não acho nada, eu pergunto as fontes. Fiz concurso para a UERJ, em 1993, e passei a atuar numa instituição cujo foco era o ensino e a formação do professor, com pouco espaço para a pesquisa. A entrada de novos professores, juntamente com a especialização e titulação do seu corpo docente, promove uma mudança considerável no seu Departamento de História que culmina em 1995 com a aprovação de um Programa de Pós-Graduação em História Política.

Vinícius Vieira: *E como foi a sua atuação na UERJ?*

Ana Moura: Foi um período academicamente muito curto, um pouco mais de 10 anos. Entrei na UERJ já em fase de conclusão do doutorado, porém, com anos de ensino tanto na universidade, quanto no segundo segmento do, à época, primeiro grau. Professora na UFRJ e professora de 5^a à 8^a. Isso me permitiu exercitar a complexa socialização de saberes. Como falar para adolescentes de primeira fase o que a universidade pesquisa? Ao mesmo tempo, como trazer as questões do ensino da história aos graduandos, futuros historiadores e pesquisadores? Lógico que, essa trajetória chega comigo à UERJ. Uma experiente professora recém-concursada que, como os demais, foi alocada nas disciplinas que atendiam aos cursos de fora da História: aulas na filosofia, na economia, na sociologia, até conseguir entrar na minha

especialidade, Brasil Colônia para o curso de História. Foi instigante exercitar procedimentos teórico-metodológicos na lógica da pluridisciplinaridade, nos moldes de uma História-problema. Esta inquietação me fez aceitar o desafio de sair da UERJ e ir para o interior do estado do Rio de Janeiro, para a cidade de Vassouras, montar um mestrado de qualidade, que durou quinze anos e naufragou.

Vinícius Vieira: *Talvez, seja algo incomum, principalmente hoje, permitir-se encarar desafios inteiramente novos no auge da carreira. Poderia nos contar como foi a opção pelo desenvolvimento desse projeto no interior, em Vassouras?*

Ana Moura: Foi uma escolha que, literalmente, redireciona minha trajetória acadêmica, o que muito me orgulha. Opção pessoal que emerge de uma determinada formação e inclinação política. Eu poderia me manter na UFRJ ou mesmo na UERJ, porque é na universidade pública que confio. É na instituição pública onde se encontram os melhores professores e a maior produção científica. Sou uma defensora incondicional de uma carreira e de um profissional público. Então, por que me aposentei tão cedo e fui para uma universidade particular? A professora doutora com uma produção *rankeada* vai para o interior do Rio de Janeiro "desasnar" reitores e burocratas numa universidade que tinha um largo alcance do sul de Minas até a Baixada Fluminense. A ideia era ampliar o acesso à educação superior. Sem medo de ser feliz afirmo e reafirmo que foi com o governo Lula, foi com o governo do PT, que a democratização do ensino superior foi transformada em política pública. Antes do PT não tínhamos... e os fariseus que me apedrejem.

É importante destacar que o projeto se ancorava nos sonhos de uma parte da minha geração que execrava o individualismo. Logo, a ideia de gestão coletiva do conhecimento, o compartilhamento das pesquisas numa intensa produção acadêmica marcou o grupo competente de professores comprometidos, que hoje fazem parte do corpo docente de diferentes universidades públicas. Os resultados desse trabalho transformaram jovens mestrandos de uma Universidade do interior, em doutorandos na UnB, UFF, UERJ e UFRJ. E esse projeto deu certo por 15 anos. Por que faliu? Questões de reitoria, do capital dentro de uma universidade particular. Mas acho que cumprimos o objetivo, formar uma geração de multiplicadores de saber, com metodologia e teoria pertinentes e, principalmente, com sentido de cidadania.

Vinícius Vieira: *Então, foi pela opção por esse novo projeto em Vassouras que você se aposentou na Uerj?*

Ana Moura: Eu era [professora de] 40 horas na UERJ e [de] 20 horas na federal. Dedicção exclusiva apareceu depois da minha aposentadoria em 2001 na UFRJ e na UERJ em 2003. Sou uma trabalhadora desde os 14 anos de idade com carteira assinada, o que exigiu que eu fosse precocemente emancipada. Para o meu tempo, ou melhor, para o meu entendimento, trabalho é trabalho. Não interessa se você soma o seu trabalho de faxineira com o seu trabalho de doutora em uma universidade. É trabalho e trabalho honrado. Então, penso que dignifiquei os vários lugares que trabalhei: como faxineira de edifício comercial, professora de cursinhos preparatórios e de universidade. Isso eu chamo de cursos *honorum*, que dão honra a instituição mais do que à mim. Mas isso está *démodé* também.

Vinícius Vieira: *Você falou antes no uso das ferramentas da História para a compreensão do mundo. Como você pensa as especificidades dessas ferramentas da História? Ou melhor, na sua opinião há especificidade nas ferramentas da História?*

Ana Moura: Claro, cada ciência tem uma especificidade. Tem um olhar. O que eu quero investigar em História? Qual é o meu objeto formal, que cada vez é mais esquecido? É o tempo, os diferentes tempos históricos. Acho que cada vez mais temos que problematizar o que é ciência, quais são os seus usos, quais são as suas ferramentas, porque os nomes e os conceitos circulam de formas diferentes em diversas ciências. A economia, por exemplo, usa a conjuntura, mas com um sentido diferente; a antropologia usa estrutura com um sentido diferente da história.

Nesse momento, estou aprendendo sobre o discurso jurídico, seus enunciados, usos e nomeações. E é incrível como a especificidade de seus conceitos, definições e objetos se diferencia da História. Para mim a história deve voltar aos seus conceitos, porque senão vira um chá de opiniões. Um clube das senhoras do chá, sendo revolucionárias e opinativas (risos). Cada vez mais, considero que a história nos esclarece e nos encanta, e se não houver encantamento, não tem sentido.

Vinícius Vieira: *Voltando à UERJ... A gente está no momento em que o LEDDES faz 15 anos. Você, como uma das fundadoras do laboratório, poderia falar sobre as condições e sobre as carências da universidade, na época, para que fosse preciso e possível fundar um laboratório como LEDDES?*

Ana Moura: Olha, quando nós chegamos à UERJ, só existia o Pró-Afro. Não havia laboratório nenhum. E nós batalhamos muito. Quando digo nós, refiro-me aos vários professores que chegaram no momento de renovação da UERJ. Foi difícil organizar os primeiros laboratórios. Só conseguimos porque tínhamos um trabalho de coletivo que, a meu ver, está se perdendo. Hoje, por conta da carinha feliz da CAPES, a concorrência marca a produção individual. O trabalho coletivo, que pode parecer estranho para as novas gerações universitárias, é fundamental e possível, seja na publicação de livros e de artigos, seja na construção de um laboratório.

Além disso, não precisava ser triste para ser intelectual. Nós ríamos, afinal, éramos jovens, o mundo era jovem. A gente ria, bebia e discutia muito nos bares da vida. O que até hoje eu faço, azar de quem não faz: pobre juventude triste (risos). Na UERJ nós iniciamos dois tipos de fundamentos laboratoriais: um científico e um que era princípios de vida – porque que se você não for feliz no que está fazendo, meu amigo, faz o seguinte, toma chumbinho com guaraná (risos). É verdade... (risos). Você tem que ser feliz. Então, nós tínhamos como princípio beijo na boca, praia, rede, cafuné, que era muito divertido (risos). Ao mesmo tempo, as mais rigorosas metodologias e uma preocupação conceitual – porque é da conceituação que nasce a teoria. Podemos brigar pelos conceitos, o que não impede de bebermos um caldo a dois.

Vinícius Vieira: *E como surgiu a ideia da formação de um laboratório sobre a temática das diferenças e das desigualdades sociais?*

Ana Moura: Eu não sei se você conhece ou se você já leu Oliver Sacks, que escreveu um livro chamado *Um antropólogo em marte*?² É mais ou menos isso... Sou de outra geração que os jovens podem considerar passada. Assumo que, aposentada há alguns anos, posso ser considerada um fóssil. Então, o que talvez seja importante nessa

² Cf. SACKS, Oliver. *Um antropólogo em Marte*. Companhia das Letras, 1995.

entrevista, mais do que as minhas opiniões, é a percepção da diferença. E aí que a gente entra na questão do tempo histórico e suas mutações. Olha como aquele pessoal era estranho.

A ideia de laboratório de pesquisas acompanhou a minha formação. Ou melhor, a nossa geração, porque a Marilene e o Sílvio, também são deste tempo. É importante destacar que na ocasião foi o Sílvio quem propôs o nome Laboratório do Estudo das Diferenças e Desigualdades Sociais – LEDDES.

De onde vem esse desejo de construir um laboratório? Vale rememorar: entramos na UFRJ em 1970 numa época em que não se cogitava espaços laboratoriais. Essa prática chega com uma professora muito louca, Célia Freire d'Aquino Fonseca, que acabara de ser aluna de Braudel. Assim, de Paris para o estudo de Brasil Colônia, em um IFCS dos anos de chumbo da ditadura militar. A sua presença foi um impacto tão grande, que nas primeiras aulas, não entendíamos nada do que ela estava falando. Não sabia qual era a matéria. Efeitos da conformação naquela coisa de perguntas e respostas; causas e consequências de uma História factual. Uma das primeiras iniciativas de Célia Freire foi montar um laboratório, que hoje seria estranhíssimo. Um Núcleo de Pesquisa, onde qualquer professor de qualquer área poderia trabalhar; poderia trazer suas pesquisas em qualquer área de História para serem debatidas. Um projeto ousado e impensável ainda hoje, image naqueles tempos. O choque foi brutal, mas o exercício foi incrível. Ela nos ensinou a pesquisar, a fazer eventos como o do Bicentenário da Revolução Francesa. Todos participavam, instigados pelo desenvolvimento da pesquisa em História. A curiosidade não era criminalizada, a especialização não era desculpa para o isolacionismo, o diálogo entre os pares e entre as ciências era possível. Eu lia o marxismo de Lucien Goldmann, mas lia Braudel – que era um conservador –, lia os cronistas dos séculos XIV e do século XV dialogando com os medievalistas.

Vinícius Vieira: *É muito marcante na sua fala a questão das gerações, das conjunturas históricas e de como sua formação foi importante para determinadas escolhas e posicionamentos. Daí, eu gostaria de perguntar como era essa formação intelectual durante a ditadura civil-militar? Como era estudar história, tornar-se intelectual, em meio ao regime autoritário? Imagino que essa conjuntura em específico tenha deixado marcas profundas nessa formação e nessa geração.*

Ana Moura: Primeiro, acho que em qualquer geração a juventude é sempre extremamente sensível às conjunturas, porque vive a situação política, que atinge diretamente a sua casa e, principalmente, a sua escola. Eu fiz parte de uma geração do movimento na rua, desde o ensino secundário, que pensava que iria pra universidade para mudar o mundo. O fazer História para fazer a revolução, que hoje as pessoas deboçam, era um ideal nosso. E acho que em certa medida nós conseguimos. Conseguimos, pelo menos, democratizar esse país. Para isso era preciso preparar-se muito seriamente nas questões conceituais, enfim, aparelhar-se – palavra filha de um tempo – para poder analisar e problematizar as questões políticas do nosso tempo, no caso para pensar a ditadura.

Ao mesmo tempo, acreditava-se que era preciso pensar, escrever e falar como professor. Ou seja, o sonho de fazer a revolução, democratizar o país, desenvolver a crítica para uma educação libertadora e construtora de futuro para os nossos alunos. Falar de maneira clara e didática para que todos entendessem, para que todos participassem. Ouso afirmar que a ditadura produziu diferentes formas de solidariedade entre as esquerdas e até mesmo entre conservadores que não eram a favor do autoritarismo. E essa solidariedade, essa ideia de coletividade depois foi sendo substituída por um individualismo exacerbado, como temos hoje. Pessoas que não são capazes de ver o estado de exceção – uma protoditadura se armando no Brasil. Quem viveu as dificuldades de ser um intelectual durante a ditadura, sabe o quanto a crítica fundamentada, o refinamento conceitual é uma arma contra o obscurantismo.

Vinícius Vieira: *O laboratório está completando 15 anos. E é um laboratório das diferenças e desigualdades sociais. Na sua percepção, nesse período, houve mudanças nas diferenças e nas desigualdades sociais no Brasil?*

Ana Moura: São duas questões que você me apresenta: no Brasil e no laboratório. No laboratório – estou vendo de longe, como aposentada, como estrangeira – mas identifico uma enorme mudança. Tenho a impressão que desigualdades e diferenças foram um pouco esquecidas ou pelo menos diluídas. Novas linhas surgiram e eu não sei – não sei por ignorância – como essas linhas com nomes novos e ementas novas

se identificam com projeto matriz do laboratório sobre as diferenças e desigualdades sociais. Parece-me que desigualdade ficou fora de moda, novas linhas de pesquisa se ocupam de contextos mais modernos, mais atuais. Enfatizo que percebo de fora. Quem está dentro atuando, deve saber como isso se dá.

Em termos do nosso país, desigualdades e diferenças, absolutamente, não saíram de moda, apenas se agudizaram. E tais conceitos e sua problematização histórica ficam mais ofuscados, ou melhor, mais naturalizados, na medida em que aquelas se ampliam. Nós tivemos um governo de 15 anos que diminuiu muito as desigualdades e as diferenças nas instituições, mas não na sociedade. Não tivemos uma educação ligada à cidadania, o que me faz lembrar de Leonel Brizola e dos CIEPS, cuja linha mestra era a cidadania.

Enfim, quem é cidadão, quem é o desigual, quem é o diferente... quem é o normal? Quem se diz normal? As pessoas se esqueceram de rediscutir isso. O LEDDES traz isso no seu nome, logo deve se perguntar como estas questões emergem nos diferentes contextos. Ao invés da camuflar é preciso ir ao cerne do problema. Então, sejamos radicais – o radical é o que vai às raízes das coisas. Como é o nome do laboratório? Quem está discutindo diferenças e desigualdades? O resto é paetê. Se não for assim, então que inaugurem um novo laboratório. Você estuda África por quê? Porque é um exemplo da igualdade e da não diferença? Mas a África é um continente. Qual parte da África você estuda? Que eu me lembre, nos meus tempos de laboratório, era a África de colonização portuguesa. Quais são as outras linhas? Como elas dialogam com as diferenças e as desigualdades sociais? Mas, novamente, estou de fora. Não quero dar lição para ninguém, só estou provocando a reflexão. Afinal, a desigualdade no Brasil não acabou e as diferenças são apedrejadas ou são ridicularizadas. Logo, é fundamental pensar que nome é esse e o que está se estudando.

Marilene Rosa: *Essa questão conceitual que você está levantando foi um impasse. E o laboratório emergiu justamente desse impasse. Das conversas acaloradas se procurava conceitualmente definir quais seriam as matrizes discursivas ou linhas teóricas que ancorariam o laboratório. Pensando, principalmente, como conciliar três pesquisadores que trabalhavam com tempos, objetos e referenciais teóricos*

diferentes. E eu lembro, Ana, que na ocasião você já criticava determinados afastamentos das questões fulcrais que orientaram a criação do LEDDES...

Ana Moura: Porque senão a gente vai ficar nos modismos. A história tem uma sedução pelo modismo, de aparecer na Globo News, onde, de um modo geral, só os sociólogos iam. Então, era uma frustração...

Marilene Rosa: (risos) *Aquela reflexão ainda é relevante? Na sua visão houve mudanças no modo de o laboratório trabalhar as temáticas das diferenças e das desigualdades e, até mesmo, um distanciamento desses temas? E quando foi criado, como essas noções eram abordadas?*

Ana Moura: Veja bem, não é uma questão de ser melhor ou pior. É uma questão de conjunturas históricas. Alguns seguem a conjuntura, que em geral é uma influência mais externa do que interna. Outros se batem mais por princípios. Então, são pessoas mais conservadoras. Nesse ponto, sou uma pessoa conservadora, no sentido de que priorizo os conceitos, a coletividade, a cidadania e detesto o individualismo. Embora, pessoalmente, seja feliz de um modo peculiar, muito individual. Mas isso faz parte das contradições do ser humano.

Reafirmo que não pretendo dar lição para ninguém, porém iluminar a partir do meu lugar de fala os determinados momentos do laboratório e seus princípios. Não estou condenando ninguém, nem criticando as novas conjunturas ou ainda as novas ansiedades. Só fico um pouco decepcionada quando as pessoas se isolam em nome de uma produtividade individualista. De acordo com os dados econômicos, éramos o segundo no mundo em desemprego; uma sociedade em que a desigualdade obscena apresenta-se como um marco. Aliás, as desigualdades continuam sendo horríveis, mas foram minimizadas pelas políticas do PT, embora hoje, temos tudo para voltar ao mapa da fome. Parece que optamos pelo mapa da fome. Aliás, quem optou foi uma classe média sem pudor e de uma ignorância brutal.

Vinícius Vieira: *Gostaria de voltar a uma questão que achamos ser fundamental nesse momento dos 15 anos. Como Ana Maria, Sílvio e Marilene se encontraram, em termos de matrizes conceituais, para constituir um laboratório?*

Ana Moura: É realmente muito interessante como três pessoas se encontraram para formar um laboratório de diferenças e desigualdades. Nós trabalhávamos com três grandes diferenças. Eu com os homens livres e pobres, fui do século XIX para a colônia. Marilene com escravos e negros urbanos. Então, tínhamos uma questão conceitual, trabalho livre, trabalho escravo e suas nuances. E o Sílvio com a África da descolonização, com seus poetas guerreiros. Assim, eu operava com as matrizes políticas e econômicas, a Marilene com as sociais e econômicas e o Sílvio com as culturais e políticas. Nós nos encontramos, portanto, nos debates das formas como as Diferenças produziram e conformaram Desigualdades sociais, moldando ou ativando racismo e estereótipos, quer seja por conta das questões raciais ou étnicas, gênero, classe, estamentos, de conjunturas, de geração e etc.

Vinícius Vieira: *A gente tratou das diferenças e das desigualdades no passado e no presente. Agora gostaria de perguntar como você percebe os horizontes, o futuro das diferenças e desigualdades, em termos estritamente políticos, nos próximos anos? Como ficam essas questões em tempos de Trump, Temer e Crivella? Será que estamos diante de um processo de aumento das desigualdades e cerceamento das diferenças?*

Ana Moura: Olha, não sou uma bruxa com uma bola de cristal (risos). A história não se dá bem com o futuro. Nós não temos prognósticos confiáveis. Mas a pergunta está errada. O que você diz que é o futuro, é o nosso presente. É o Trump, é o Temer, é o Duterte nas Filipinas... Esse não é o futuro, esse é o nosso presente. O futuro depende de nós. Sinto muito, a História não tem bola de cristal.

Este é o nosso presente: os pseudopolíticos e aqueles que estão na desigualdade se achando os desiguais dos desiguais. Ambos se acham duas coisas: moralmente superiores e fora do jogo político, o que é muito perigoso. Como a imprensa é corporativa, como a imprensa não informa, mas forma opiniões de acordo com os interesses da corporação, eles estão fora da informação, estão recalçados, são ignorantes e se sentindo os mais desiguais dos desiguais. Nós formamos o círculo completo do inferno. Quanto ao futuro, sinto muito, sou mera historiadora. Só posso dizer uma coisa para vocês: que bom que tenho pouco tempo de vida (risos).

Vinícius Vieira: *Vamos insistir nos prognósticos (risos). O LEDDES completou 15 anos. Quais deveriam ser as premissas de atuação do laboratório nos próximos 15? De que forma o laboratório deveria atuar?*

Ana Moura: Não posso dizer como o LEDDES vai atuar. Posso somente fazer sugestões. Primeiramente, se o laboratório honra seu nome, precisa, mais do que tudo, pensar a questão que se mantém atual, não só no Brasil, mas em qualquer outro país ou outro continente: as desigualdades sociais e as diferenças. Estou de fora, reafirmo, logo, apenas acho que se deve incrementar as discussões norteadoras do próprio nome do laboratório. Do contrário, há uma possibilidade de se cair nos modismos, na criação não de linhas de pesquisa, mas linhas de pessoas que se agregam, por pura necessidade intelectual imediata ou, o que é pior, por necessidade de produtividade, para não dizer um certo cabotinismo.

Um laboratório é para o resto da vida, ele deve traçar uma trajetória intelectual a longo prazo. Quando acabarem as desigualdades sociais, aí o LEDDES morre. Não me parece que estejamos próximos disso. Lembro sempre que sou *outsider*, logo, essa visão crítica não se aplicaria especificamente ao LEDDES, mas aos laboratórios de pesquisa de modo geral.

Marilene Rosa: *A socialização e a multiplicação dos saberes são pontos centrais na sua fala. Há formas do LEDDES atuar e contribuir nesses, digamos, processos? E quais seriam?*

Ana Moura: Sim, a produção é a natureza da universidade, é a natureza dos laboratórios. Então, não tem muito o que conversar a respeito. Eu só estou uma velha exigente, cada vez mais, em termos conceituais. Fico muito nervosa com os usos e, em especial, com os abusos dos conceitos, enfim, com confusões teóricas. Todo saber é um saber cidadão, isto é, um saber político. A socialização passa por duas etapas: a primeira para os próprios alunos dos cursos superiores – que é fundamental e mais tranquila. E, a segunda seria a formação dos professores. Penso que o agente multiplicador do saber é o professor de ensino médio e de ensino fundamental. Eu acho que os laboratórios devem investir em cursos de extensão. Era com esse espírito que nós fazíamos em Vassouras. Mesmo o professor que não passasse para o nosso

mestrado poderia participar como ouvinte dos cursos. Logo, transformando-se num agente multiplicador em suas escolas.

Vinícius Vieira: *Então, uma das possibilidades de atuação do laboratório na multiplicação e socialização do saber seria por meio de cursos de extensão, cursos de aperfeiçoamento e de formação de professores...*

Ana Moura: Exato. Cursos específicos para professores, muitas vezes isolados em suas salas de aula, sem tempo para uma atualização constante. Como aliar qualidade com pouco tempo? Poderia ser num sábado. Se você tiver 10 professores, já terá um bom resultado, porque esses 10 professores trabalham com 50 alunos cada. Então, se multiplica a atualização, as metodologias, diminuindo angústias e isolamento.

Vinícius Vieira: *Além de questão da multiplicação e socialização do saber, você falou também de uma atuação cidadã e política. É conveniente, ou melhor, é possível um laboratório de pesquisas atuar nesse âmbito também?*

Ana Moura: Eu não sei como viver sem a política. Sabe por quê? Porque a política não é a organização da sociedade civil? Afinal, quais as prioridades nós queremos dar? Eu, por exemplo, priorizo a política. Eu como mera cidadã, como mera professora de história, priorizei a política para dirigir a minha vida como participante e como uma pessoa que observa e analisa, para o bem e para o mal, a sociedade. Na década de 70, voltando a um determinado tempo, era comum se ironizar muito a poesia de protesto. Como fazer poesia numa hora dessa?! Mas era absolutamente pertinente. Então, acho que os laboratórios devem priorizar outras formas linguagens. A minha prioridade sempre foi a coletividade e a cidadania participativa, por isso a política. Não me interessam os reis, não quero saber dos saraus do Império, mas com quem estava o poder? Para mim política é poder, quem fala, de onde fala.

Eu falo de um tempo e lugar de memória. Não dou lição para o futuro. Estou dizendo quais são as minhas marcas, que não servem, necessariamente, nem para o presente, nem para o futuro. Eu não pontifico, eu me explico. Os laboratórios, também, têm que se explicar... Sim, porque vivem de recursos públicos, são públicos e produzem para o público. E público é o coletivo.

Os laboratórios, em resumo, devem se perguntar ao que vieram, como irão se explicar, quais serão as suas prioridades. Mas, agora, cabe a vocês, da nova geração. Expliquem-se.

Vinícius Vieira: *Agora uma curiosidade, digamos, mais pessoal. (risos) Como fazer para conciliar a vida acadêmica com a vida boêmia?*

Ana Moura: No meu tempo isso não era problema, aliás, era uma forma também de fazer política. Vide o Pasquim com seu riso grotesco. Nós tínhamos que trabalhar muito duro durante o dia, alguns para sustentar a família, outros para se sustentar, e estudando muito. Então, a gente se reunia muito à noite para discutir algumas questões. Vou me reportar a uma colega, a Conceição Evaristo, que dizia que nós molhávamos as palavras. E nós nos divertíamos. Tanto a gente discutia muito, como observávamos os outros. E a noite sempre foi mágica para isso. Até hoje e, eu estou com quase 70 anos, continuo na boemia, porque acho que o melhor da humanidade está ao redor de um copo de vinho, que é a alegria, é a sinceridade. Além disso, as pessoas se despem um pouco das togas acadêmicas, que na maior parte das vezes, são quase um chapéu de palhaço. São mais verdadeiras as pessoas à noite, na boemia. Mas essa é uma visão pessoal (risos).

Vinícius Vieira: *Para os alunos de graduação e de pós-graduação, você poderia indicar um livro de história do Brasil que você ache fundamental para a formação de historiadores?*

Ana Moura: Podem ser dois livros? É permitido?

Vinícius Vieira: *Melhor ainda.*

Ana Moura: Primeiro, um livro de Brasil colônia. Depois de toda uma virada epistemológica, de toda uma virada metodológica, tem um livro muito antigo que gostaria de indicar: *Visões do Paraíso*³, do Sérgio Buarque de Holanda, que acho um dos livros mais bonitos. Por que livro bonito? Porque é uma prova de erudição muito

³ Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visões do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1994.

grande, é um livro confortável, um livro erudito e é um livro com que você debate o tempo inteiro. Mais do que *O Sol e a Sombra*⁴, mais do que outros debates contemporâneos, nós estamos falando de uma formação intelectual jurídica, de uma densa pesquisa que faz emergir um corpus documental inquirido, problematizado, enfim, analisado. Não interessa se você concorda ou não. É um livro modelo.

A outra sugestão é *Autoritarismo e golpes na América Latina*⁵, de Pedro Serrano, que propõe um diálogo da História com o Direito. Por que faço essa indicação? Porque nos desafia com sua visão capenga da História, mas muito abrangente. Um livro que pode nos falar de confrontos e diálogos entre ciências sociais diferentes. Infelizmente, o Direito, como a História, não é uma ciência dita exata. Ah, e nem a economia é (risos).

Então, temos um livro antigo, que trata de paradigmas, de erudição, de provas e de teorias. E um outro livro, que fala para a História e para o Direito, de uma situação muito contemporânea que a História pode contestar, mas deve experimentar.

Vinícius Vieira e Marilene Rosa: *Só nos resta agradecer a sempre professora Ana Moura por compartilhar suas inquietações contemporâneas e memórias afetivas. Quem sabe tentar convencê-la a viver, novamente, o experimento leddeano que, em sua tática de resistência, se inventa o tempo todo.*

Como citar:

SILVA, Marilene Rosa Nogueira da. VIEIRA, Vinícius. A emergência de um laboratório: conversa com Ana Maria da Silva Moura. **Revista Transversos. “Dossiê Resistências: LEDDES 15 anos”**. Rio de Janeiro, n.º. 08, pp. 157-172, ano 03. dez. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2016.26538.

⁴ Cf. SOUZA, Laura de Mello e. *O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁵ Cf. SERRANO, Pedro. *Autoritarismo e golpes na América Latina: breve ensaio sobre jurisdição e exceção*. Alameda Editorial: São Paulo, 2016.

